



Tipo de trabalho: RESUMO SIMPLES (MÁXIMO 2 PÁGINAS)

EXPOSIÇÃO AO VÍRUS DA RAIVA NO RIO GRANDE DO SUL DE 2013 A 2018¹

Bruno Egídio Cappelari², Jéssica Grace Da Silveira³, Julio Cesar De Almeida Rosa⁴, José Carlos Ferreira⁵, Alexander Cenci⁶, Giovana Dantas⁷

¹ Levantamento de Dados

² Graduando em Ciências Biológicas (UNISINOS); Estagiário do Laboratório de Virologia - Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor (IPVDF)

³ Graduanda em Medicina Veterinária (UNIRITTER); Estagiária do Laboratório de Virologia - Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor (IPVDF)

⁴ Pesquisador do Laboratório de Virologia - Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor (IPVDF)

⁵ Pesquisador do Laboratório de Virologia - Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor (IPVDF)

⁶ Pesquisador do Laboratório de Virologia - Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor (IPVDF)

⁷ Pesquisadora do Laboratório de Virologia - Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor (IPVDF)

A raiva é uma enfermidade causada pelos retrovírus do gênero *Lyssavirus* que produz uma encefalite aguda, podendo acometer todos os mamíferos, levando a óbito. É a doença com a maior taxa de letalidade entre qualquer doença infecciosa viral, aproximando-se dos 100%. A raiva é transmitida para os humanos a partir de reservatórios animais, mais comumente morcegos e cães, através do contato direto com saliva contaminada, por mordeduras, arranhaduras e lambeduras de mucosas - o que caracteriza a exposição. Embora o Brasil tenha uma das vigilâncias mais abrangentes da América Latina, a doença ainda não foi erradicada: foram pelo menos 12 casos de raiva humana em 2018. No Rio Grande do Sul, o último caso em humanos ocorreu em 1981 e em cães e gatos são considerados esporádicos e não vinculados à perpetuação da doença, pois a variante canina não é encontrada em circulação desde 1988. Em bovinos, entretanto, a raiva permanece endêmica, representando mais de 80% da positividade. Com altas taxas de atendimentos de profilaxia pós-exposição inadequados relatados na literatura e dificuldades no controle das populações de morcegos, que deve considerar o importante papel ecológico e baixa positividade, o objetivo deste trabalho foi verificar o índice de exposições e positividade das amostras submetidas ao diagnóstico no Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor entre 2013 e 2018 através da consulta ao livro-controle do laboratório de Raiva. Foram submetidas 3.016 amostras no período estudado, 456 delas positivas (15,11%). A Região Metropolitana de Porto Alegre foi a região que mais submeteu amostras (1.345; 17,55% positivas), seguida das regiões Sudeste (883; 8,72% positivas), Nordeste (300; 3,67% positivas), Centro-Oriental (200; 39,5% positivas), Noroeste (175; 9,71% positivas), Sudoeste (85; 27,06% positivas) e Centro-Occidental (28; 46,43% positivas). De acordo com as fichas das amostras, 85,71% (24) dos materiais suspeitos da região Centro-Occidental envolveram humanos expostos, bem como 84% (168) da região Centro-Oriental, 62,86% (110) da região Noroeste, 62,35% (53) da região



Tipo de trabalho: RESUMO SIMPLES (MÁXIMO 2 PÁGINAS)

Sudoeste, 49,59% (667) da região Metropolitana de Porto Alegre, 44,67% (134) da região Nordeste e 20,16% (178) da região Sudeste. O maior número de exposições a animais infectados se concentrou na região Metropolitana de Porto Alegre (223), seguido das regiões Centro-Oriental (75), Sudeste (35), Sudoeste (23), Noroeste (14), Centro-Occidental (13) e Nordeste (9). Envolvidos nos casos de exposição estavam bovinos (357; 91,07%), equinos (27; 6,88%), felinos (4; 1,02%), ovinos (2; 0,51%), suínos (1; 0,25%) e quirópteros (1; 0,25%). Destaca-se o serviço de vigilância das regiões Sudeste, Nordeste e Metropolitana de Porto Alegre, que apresentam as menores porcentagens de amostras envolvendo exposição - uma importante medida que garante maior amostragem e resultados mais representativos. Os números de bovinos e equinos positivos envolvidos em exposições alertam para o risco aos trabalhadores rurais: a literatura aponta dificuldades no acesso à profissionais de saúde bem preparados, falta de planos de saúde, problemas financeiros e distância de grandes centros urbanos. O monitoramento através do diagnóstico laboratorial é essencial para a prevenção e controle da raiva, bem como para os esforços de otimização do uso dos esquemas de profilaxia pós-exposição.

Palavras-chave: vigilância, prevenção, profilaxia.